

A dimensão imaterial da floresta nas comunidades de matriz africana de Santa Catarina, Brasil

The intangible dimension of the forest in communities of african origin in Santa Catarina, Brazil

Enviado em: 20-04-2024

Aceito em: 12-01-2025

Denísia Martins Borba¹

João Carlos Ferreira de Melo-Júnior²

Resumo

A floresta no Brasil é alvo central nos debates políticos, acadêmicos e religiosos, sendo reconhecida como patrimônio ambiental e cultural e como território sagrado para comunidades de matriz africana, que a consideram o habitat de suas divindades, os *Orisà*. Este estudo adota métodos qualitativos, utilizando a análise de conteúdo para identificar padrões e significados nas narrativas orais. A oralidade, como é o principal meio de transmissão de saberes, preservando as tradições de matriz africana valorizando as tradições culturais ancestrais. A abordagem dialógica entre pesquisador e comunidade revela a floresta como espaço de ensino ético, cultural e espiritual. O estudo busca compreender a relação dessas comunidades com a natureza com destaque para a dimensão imaterial da floresta, fortalecendo o diálogo

¹ Doutora em Patrimônio Cultural pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE, 2024. Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade da Região de Joinville - UNIVILLE. Graduada em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. Pesquisadora das áreas de memória e patrimônio cultural, e, a floresta como território sagrado das comunidades tradicionais de matriz africana. Desenvolve projeto na área de Formação em Patrimônio Cultural Negro e Letramento Racial um desafio cotidiano. Assistente Cultural do Museu Nacional de Imigração e Colonização – MNIC – Joinville/SC. Universidade da Região de Joinville – Univille. Pesquisa financiada pelo Programa institucional de formação científica na pós-graduação stricto sensu (PICPG). denisiamartins10@gmail.com

² Pós-doutor pela Escola Nacional de Botânica Tropical do Instituto de Pesquisas do Jardim Botânico do Rio de Janeiro (2016), Doutor em Ecologia e Conservação pela Universidade Federal do Paraná (2015), Mestre em Botânica (2003), especialista em Espaço, Sociedade e Meio Ambiente (2000) pela Unibem, Bacharel e Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade da Região de Joinville (1999). Professor titular das disciplinas de Morfologia de Plantas Vasculares e Inventário de Flora da Universidade da Região de Joinville. Orientador de Mestrado e Doutorado. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente. Tem experiência na Morfoanatomia e Ecologia Vegetal, atuando principalmente nos seguintes temas: anatomia da madeira de espécies tropicais, anatomia aplicada às madeiras de uso cultural, ecologia e diversidade funcional de florestas tropicais e ecologia do ambiente antropogênico sobre a morfoanatomia e desenvolvimento das plantas. Coordena os Laboratórios de Morfologia e Ecologia Vegetal e de Anatomia da Madeira da Univille e é curador da Xiloteca da referida instituição. Líder do grupo de pesquisa do CNPq: Madeiras Históricas: anatomia, saberes e conservação da biodiversidade. Integra o grupo nacional de pesquisa em biodiversidade da Mata Atlântica (PPBio MA) e o grupo da ISO Biodiversidade, ligado ao Centro de Conhecimento em Biodiversidade INCT. É editor-assistente do periódico científico *Acta Biológica Catarinense* e editor associado do periódico *Frontiers in Environmental Archaeology - Paleoethnobotany*. Professor da Universidade da Região de Joinville: Departamento de Ciências Biológicas; Programa de Pós-Graduação em Saúde e Meio Ambiente; Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural e Sociedade. joao.melo@univill.br

entre tradição e contemporaneidade para promover sua preservação cultural e ambiental.

Palavras-chave: floresta e cultura; imaterialidade da floresta; território sagrado.

Abstract

The forest in Brazil is a central focus in political, academic, and religious debates, recognized as both an environmental and cultural heritage site, as well as a sacred territory for Afro-Brazilian communities, who consider it the habitat of their deities, the Òrisà. This study adopts qualitative methods, utilizing content analysis to identify patterns and meanings within oral narratives. Oral tradition serves as the primary means of transmitting knowledge, preserving Afro-Brazilian cultural traditions and valuing ancestral heritage. The dialogical approach between researcher and community reveals the forest as a space for ethical, cultural, and spiritual teaching. The study aims to understand the relationship these communities maintain with nature, emphasizing the intangible dimension of the forest, and strengthening the dialogue between tradition and modernity to promote its cultural and environmental preservation.

Keywords: cultural forest; immateriality of the forest; sacred territory.

Introdução

A proteção do patrimônio florestal é essencial para as comunidades tradicionais de matriz africana por várias razões. Uma delas é que essas comunidades dependem diretamente dos recursos naturais da floresta para a sua existência, como a coleta de frutos e plantas medicinais, alimentícios e litúrgicos, além da pesca em rios, lagos e mares. Além disso, para essas comunidades, a floresta é um território sagrado e de conexão com a ancestralidade, onde muitas celebrações religiosas e culturais são realizadas, indicando que a preservação do território e de seus recursos é fundamental para a manutenção e perpetuação das suas tradições³.

Por outro lado, a degradação e a destruição da floresta podem afetar significativamente a biodiversidade e o suprimento de serviços ecossistêmicos, o que, por sua vez, impacta na qualidade de vida das comunidades que vivem em simbiose com a natureza⁴.

³ Sobre as tradições e sua relação com os vegetais, rituais e liturgia, consultar: SODRÉ (1998); VERGER (2002); BARROS (2023); BORBA, D. M.; MELO JÚNIOR (2022).

⁴ Sobre comunidades tradicionais de matriz africana, consultar: AGUIAR (2020); BORBA, D. M. & MELO JÚNIOR (2022).

A floresta, como organismo vivo, campo do sagrado e representação de divindades, desempenha papel significativo nas tradições religiosas das comunidades tradicionais de matriz africana. Na cosmogonia e práticas dessas comunidades, as florestas estão intrinsecamente ligadas à espiritualidade e à vida cotidiana. Elas são vistas como organismos sagrados e simbólicos por essas comunidades, como hábitat de divindades (ancestrais míticos) e ancestrais das comunidades, local de coleta de plantas e/ou para realização de rituais, conforme apresentado por Borba & Melo Júnior (2022), e essenciais na sua territorialidade simbólica. Essa territorialidade refere-se à relação profunda e simbólica que essas comunidades têm com seu território, que vai além da simples posse física e inclui aspectos culturais, espirituais e identitários; trata-se de um local de conexão espiritual com os ancestrais e divindades (CALGARO; SOUZA; SPAREMBERGER, 2018, p. 228).

A preservação do patrimônio florestal é importante para a preservação da biodiversidade, garantindo que as futuras gerações continuem acessando os benefícios que a natureza pode oferecer. Entretanto, para as comunidades tradicionais de matriz africana, a proteção do patrimônio florestal vai muito além disso, uma vez que é por meio da existência da biodiversidade que as tradições culturais e de fé são perpetuadas (BORBA & MELO JÚNIOR, 2022). Nesse contexto, o meio ambiente ganha destaque em relação à tradição oral e às comunidades tradicionais de matriz africana. Sua conservação é crucial para perpetuar as culturas e as tradições dessas comunidades, promovendo também a economia sustentável e ajudando a manter o equilíbrio entre o ser humano e a natureza (CALGARO, SOUZA E SPAREMBERGER, 2018).

Uma das formas utilizadas por essas comunidades para assegurar a proteção ambiental é a transmissão dos seus conhecimentos pela oralidade, uma prática milenar usada por povos tradicionais ao redor do mundo (HAMPATÊ BÂ, 1980). A tradição oral muitas vezes é associada a comunidades que não têm a escrita desenvolvida, porém, mesmo em comunidades com a escrita, a referida tradição continua sendo uma importante maneira de preservação da cultura local. Essa forma de transmissão de conhecimentos é caracterizada pela transmissão de informações de geração em geração, por meio de contos, canções, fábulas, provérbios, poemas e outros modos de expressão verbal. Importa salientar que a tradição oral não é estática; ela é mutável e evolui com o tempo, adaptando-se às mudanças sociais e

históricas da comunidade (VANSINA, 2010). A tradição oral é uma fonte de narrativas e informações que muitas vezes são transmitidas sem a necessidade de registros escritos ou impressos. Narrativas contam histórias sobre a cosmovisão, a cultura e as crenças dessas comunidades, permitindo que estas se conectem com seus antepassados e preservem sua identidade cultural (HAMPATÊ BÂ, 1980).

A tradição oral é um elo entre o passado e o presente cultural, entretanto, com a urbanização crescente e o conseqüente deslocamento de integrantes das comunidades tradicionais de seus territórios ancestrais, muitas dessas narrativas têm sido esquecidas, perdidas ou são pouco valorizadas (SISTO, 2012). Mesmo com as dificuldades impostas pelo *modus vivendi* contemporâneo, é assim que essas comunidades continuam realizando seus rituais, ensinando seus mais novos adeptos e garantindo a permanência do culto aos *Òrisà* na diáspora africana. Nesse sentido, o registro dessas narrativas pode contribuir para a manutenção e transmissão desses conhecimentos. Acrescenta-se ainda que o registro do conhecimento sobre as relações simbólicas estabelecidas entre as comunidades de matriz africana e a floresta vai além de simplesmente coletar informações sobre plantas e suas práticas de uso. Tal registro envolve a narrativa de memórias capazes de aproximar-se do complexo sistema de conhecimento tradicional que abrange os aspectos culturais, espirituais, ecológicos e sociais dessas comunidades. Portanto, documentar esses saberes é preservar uma parte vital da sua herança cultural.

As comunidades tradicionais de matriz africana enfrentam muitos desafios, como a discriminação, o preconceito e a marginalização, bem como a ameaça constante de perder suas tradições e práticas culturais por causa da pressão da modernização e da urbanização. Registrar os conhecimentos das comunidades tradicionais de matriz africana é uma possibilidade de contribuir com a preservação cultural dessas comunidades e de sua existência no Brasil. Considerando que os conhecimentos dessas comunidades transmitidos oralmente estão intrinsecamente ligados às suas expressões culturais e tradições associadas ao território florestal, este estudo teve como objetivo conhecer a relação entre as comunidades tradicionais de matriz africana e a dimensão imaterial da floresta, por intermédio do registro de saberes transmitidos pela oralidade em comunidades de matriz africana do estado de Santa Catarina.

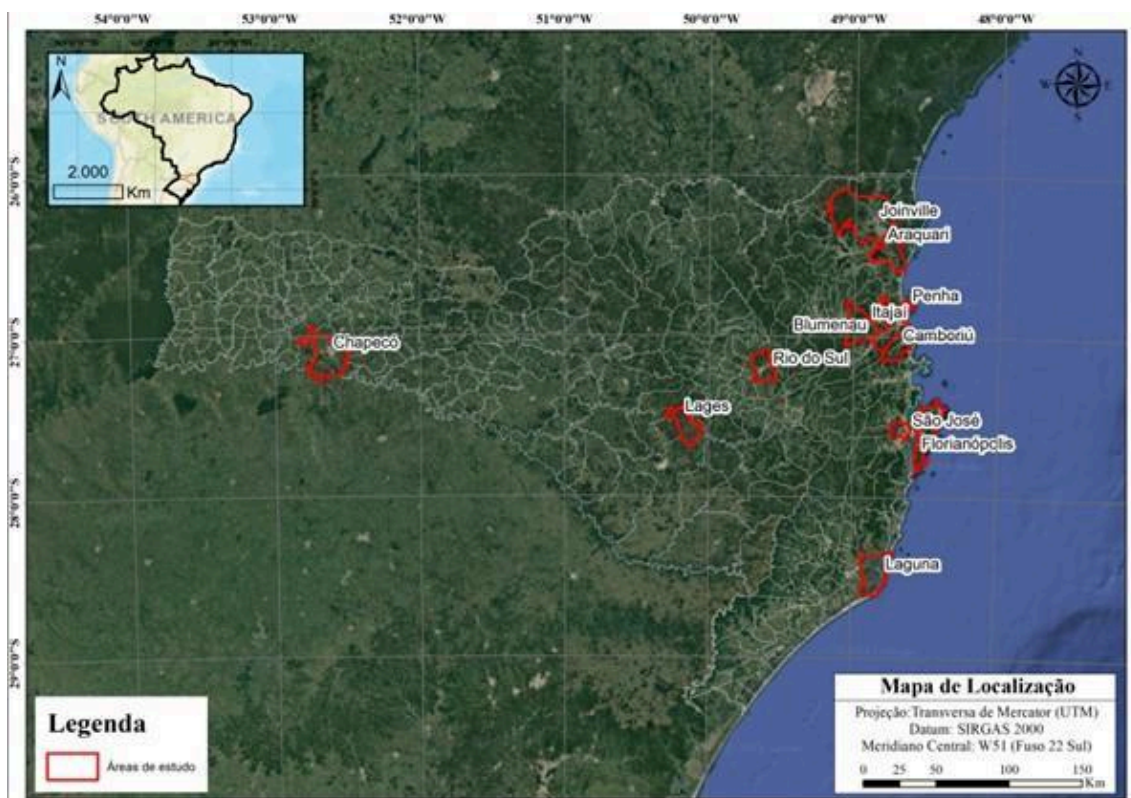
Material e métodos

Grupo amostral

O grupo amostral desta pesquisa foi composto de 12 comunidades de matriz africana pertencentes às tradições de Candomblé e Batuque, distribuídas em cinco mesorregiões do estado de Santa Catarina (Figura 1). O grupo é formado por sete *Bàbálórìṣà* e cinco *Ìyálórìṣà*, vinculados a distintas tradições (*ketu*, angola e Batuque). São nove comunidades-terreiros dedicadas à tradição *ketu*, uma à angola (bantu), uma à tradição Batuque e uma em transição do Batuque para *ketu*. As comunidades identificadas e pesquisadas no estado estão descritas na Tabela 1.

Neste estudo, compreende-se como comunidades tradicionais de matriz africana aquelas que não utilizam a escrita como principal suporte para o registro de suas tradições (HAMPATÊ BÃ, 1980). Para essas comunidades, o acúmulo de experiências e sua transmissão são feitos intergeracionalmente pela oralidade.

Figura 1 – Localização dos *ilê àṣe* e áreas utilizadas para rituais em Santa Catarina pelas comunidades tradicionais de matriz africana parceiras da pesquisa



Fonte: Google Earth (2024) e grifos dos autores

Tabela 1 – Comunidades tradicionais de matriz africana que integraram o grupo amostral da pesquisa, no estado de Santa Catarina

Município	Nome do <i>Ilé-Àsè</i>	Sacerdote	Tradição	Fundação
Araquari	<i>Nzo Nkisi Naze</i>	Arido da Silva (Tata Kelawe)	Angola/bantu	1997
Blumenau	<i>Ilê Asé Omi Osun</i>	<i>Jú T'Osun</i>	<i>Ketu</i>	2001
Camboriú	<i>Yle Samba Abaíra</i>	Jussara Berenice da Silva	<i>Ketu</i>	1991
Chapecó	<i>Ilê Asé Eşin Ywa Irepo Oyá Funan</i> (Casa de Umbanda Caboclo 7 Flechas)	Tahiline Furlaneto	Migrando do Batuque para <i>ketu</i>	2012
Florianópolis	<i>Ilê Asé Òlórúnfunmi</i>	Guaraci Fagundes	<i>Ketu</i>	1978
Itajaí	<i>Ile Ti Sòngó</i>	Dick Nader	<i>Ketu</i>	1986
Joinville	<i>Ilê Axé Oxóssi Pena Branca</i>	Patrícia Gehlen	<i>Ketu</i>	1979
Laguna	Tenda Espiritual Cavaleiros de São Jorge	Diego Carvalho	Batuque	2010
Navegantes	<i>Ilê Alaketu Ijobó Bayó Asé Nanã</i>	Luiz Marcelo Titão	<i>Ketu</i>	1965
Penha	<i>Ilê Àlákétu Àsé Òdó Alásán</i>	Evelise	<i>Ketu</i>	2010
Rio do Sul	<i>Ilê Asé Oyá Igbalè</i>	Rosângela Vieira	<i>Ketu</i>	1986
São José	<i>Ilê Axé Oju Oniré</i>	Rodrigo da Silva Puluceno	<i>Ketu</i>	1990

Fonte: os autores (2024)

Mapeamento das comunidades tradicionais de matriz africana

A primeira comunidade contatada foi encontrada no livro *Territórios do axé: religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos*⁵, resultado do Projeto Territórios do Axé, desenvolvido pelo Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas, sediado no Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. A partir daí, o mapeamento das demais comunidades deu-se por meio da técnica bola de neve (*snowball*), permitindo que uma comunidade prévia fizesse a indicação da próxima a ser contatada e integrada na

⁵ Para maiores informações consultar a obra de Leite (2017).

pesquisa. Os contatos foram feitos por telefone, considerando a distância entre os municípios e a necessidade do distanciamento social exigido pelas unidades sanitárias, por causa da pandemia de Covid-19.

Registro das narrativas

O trabalho com fontes orais é uma forma de produzir fontes primárias sobre as comunidades tradicionais de matriz africana valorizando as experiências das suas lideranças (ALBERTI, 2013). Utilizou-se a fonte oral, por meio da entrevista, para identificar a construção que cada sacerdote/sacerdotisa faz de suas experiências ligadas à floresta. Em suas narrativas, perceberam-se as lembranças construídas, baseadas em suas vivências e transmitidas a cada integrante da sua comunidade, conforme a idade iniciática de cada um dos integrantes (RUFINO, 2011). A escolha de registrar tais narrativas possibilita uma aproximação com essas comunidades, para as quais a palavra tem um significado especial, por ser intermediada por Olódùmarè e por transmitir o àse (FONSECA, 2016).

As entrevistas foram realizadas, com um roteiro semiestruturado, seguindo as orientações de Alberti (2013). Ressalta-se que neste estudo se optou pela entrevista temática, por possibilitar contemplar as memórias coletivas acessando o conhecimento dos parceiros da pesquisa, em articulação com a história.

A história oral temática produz registros da memória coletiva e individual como fonte, acessando as memórias dos entrevistados, mediadas pelo pesquisador, que se apresenta ativamente no processo, estabelecendo análises envoltas de subjetividade, valores e interpretações. Com o objetivo de verificar a forma como os participantes se relacionam com a floresta e a concebem simbolicamente, avaliou-se que seria necessário ouvir essas comunidades. Para tanto, procedeu-se à realização de entrevistas, por meio de um roteiro semiestruturado. Do roteiro, constam as seguintes perguntas:

- A floresta é um patrimônio ambiental e cultural? Por quê?;
- A sua comunidade contribui com a proteção da floresta? Se sim, como?;
- Nos rituais que envolvem oferendas realizadas nas florestas são usados que tipos de material (vidro, metal, barro, tecidos, bambu, madeira)?

As questões que compuseram o roteiro buscaram deixar os entrevistados livres para falarem o máximo possível sobre cada tema (THOMPSON, 2022).

As entrevistas, aqui, configuram-se como instrumento fundamental. Para realizá-las, não há uma única diretriz, observando-se que não há neutralidade da parte pesquisadora em relação à escolha do método e/ou de instrumentos para coleta de dados ou fontes. Os princípios e valores éticos, bem como a objetividade, foram respeitados na pesquisa em todas as entrevistas realizadas⁶. Ressalta-se que não é possível um único método conseguir captar todo o problema da pesquisa e responder a ele em todas as suas dimensões.

Neste estudo, as entrevistas são analisadas como parte integrante da construção do objeto de pesquisa. As questões apresentadas previamente aos participantes da investigação sofreram alterações, dependendo das dificuldades ou facilidades de acessar as suas memórias. Mesmo tratando-se de entrevistas temáticas, optou-se por questões abertas e um roteiro flexível. Para tanto, reservou-se um tempo relativamente longo para a realização de cada entrevista.

Em cada entrevista foi utilizado um caderno de campo, no qual foram feitas anotações das reações, posturas e impressões dos entrevistados, das dificuldades nas informações obtidas, de quais questões provocaram efetivamente suas lembranças, de suas construções sobre a floresta, das reflexões sobre *Òrisà* ser natureza e não estar nela, além de novidades que não estavam previstas nas questões apresentadas.

Para facilitar o diálogo, foram feitas menções a fatos específicos, como as conferências sobre políticas de igualdade racial, o sistema de eleição para conselhos, temas de educação ambiental, visando promover a fluidez das entrevistas.

As entrevistas deram-se durante a pandemia de Covid-19, o que exigiu distanciamento social. Portanto, elas ocorreram remotamente por meio de ferramentas de reunião on-line. As entrevistas, realizadas uma única vez por participante, foram sempre individuais, gravadas e transcritas e fundamentais para o registro das experiências das comunidades tradicionais de matriz africana em relação às florestas⁷. Apenas um sacerdote solicitou responder ao roteiro por escrito.

O registro de narrativas, como metodologia de pesquisa, oportuniza visualizar diversos pontos de vista sobre um mesmo tema (THOMPSON, 2002). O uso dessa metodologia possibilitou identificar a relação de sacerdotes/sacerdotisas com a

⁶ Para saber mais sobre a temática, consultar: THOMPSON (2002); ALBERTI (1990); ALBERTI (2013); ZAGO (2003).

⁷ Para informações detalhadas consultar Borba e Melo Júnior. (2022).

floresta, seus usos, os esforços empreendidos para sua proteção como patrimônio cultural e natural, no estado de Santa Catarina, e sua importância. Essa identificação permitiu visualizar as suas conjunturas com o passado apreendido de seus ancestrais míticos e das suas respectivas comunidades, bem como o seu presente como prática haja vista esse conhecimento.

Ainda sobre a história oral como método, propôs-se um diálogo interdisciplinar com áreas do conhecimento distintas, mas que ainda assim propiciam a construção de paralelos mediante o registro de lembranças e das experiências, promovendo a interação coletiva, que transcende as fronteiras disciplinares (THOMPSON, 2002).

Análise dos dados

Após a transcrição das entrevistas, com a digitação de tudo o que foi perguntado e respondido, realizaram-se a leitura e edição do material, eliminando os vícios de linguagem (MEIHY & HOLANDA, 2015). Identificaram-se as palavras-chave, formadas pelos termos mais frequentemente mencionados, relevantes ou significativos quanto à relação mantida pelas comunidades tradicionais de matriz africana com a floresta e o meio ambiente. A transcrição das narrativas gerou uma matriz de dados, utilizada na construção da nuvem de palavras. As repostas foram analisadas na perspectiva da análise de conteúdo, divididas por temas, o que possibilitou a compreensão da importância das afirmações contidas nas respostas individuais, com base na identificação, organização, codificação, categorização e resultado dos conteúdos das entrevistas (BARDIN, 2011). Buscou-se nesse processo identificar os núcleos de sentido, cujas afinidades compõem o conjunto de expressões associadas em categorias de análise: imaterialidade da floresta; mecanismos de proteção da floresta; e ações positivas empreendidas para proteção da floresta (Figura 2).

A análise do discurso permitiu a identificação de unidades de registro, tais como frases presentes nas entrevistas, e a análise de sua organização e relações. Essa abordagem pode ser aplicada tanto a textos escritos quanto a textos orais, permitindo a investigação dos aspectos sociais do discurso (BARDIN, 2011). A análise do discurso como conjunto de procedimentos metodológicos objetiva a identificação dos elementos presentes nas mensagens e a compreensão de seu funcionamento. Dessa forma, foi possível compreender o uso da linguagem no contexto das comunidades tradicionais de matriz africana para construir significados e gerar efeitos de sentido no que se refere à imaterialidade da floresta.

A análise do discurso foi utilizada como uma abordagem viável para compreender como as comunidades tradicionais de matriz africana constroem significados coletivos sobre a indissociabilidade da floresta e *Òrisà* e como esses significados influenciam as práticas sociais e as relações entre os integrantes dessas comunidades (BARDIN, 2011). É uma abordagem importante para entender os processos de construção de sentido, de identidade, de preservação e de permanência dos rituais de matriz africana na sociedade contemporânea.

A análise das categorias – imaterialidade da floresta; mecanismos de proteção da floresta; e ações positivas empreendidas para proteção da floresta – permitiu a compreensão de como os sacerdotes/sacerdotisas constroem e compartilham significados em relação à floresta e às suas práticas de fé. Além disso, a identificação dos elementos constitutivos dos valores e princípios sobre a relação das comunidades tradicionais com a floresta permitiu reconhecer as formas de resistência dessas comunidades, considerando suas práticas como instrumentos de transformação social, no sentido da proteção e conservação da floresta, além de assegurar a permanência de suas práticas de fé.

A nuvem de palavras

A nuvem de palavras é uma representação visual formada pelas palavras que melhor expressam o pensamento dos entrevistados sobre suas relações com a floresta (BARDIN, 2011). Nessa representação, as palavras mais frequentes ou relevantes são exibidas em tamanho maior e posicionadas de forma aleatória. Essa técnica foi usada para dar uma ideia rápida das palavras-chave/conceitos mais proeminentes como resultado das entrevistas⁸.

Para a elaboração da nuvem de palavras, utilizou-se wordclouds.com, extensão do Google Chrome e gerador de nuvem de palavras *online* gratuito. A frequência de cada palavra-chave encontrada nos dados coletados é feita pela própria ferramenta, que gera a lista de palavras, com base na inserção dos textos elaborados pelas 12 respostas a cada uma das três questões apresentadas. Da lista, foram excluídos artigos, preposições, algumas locuções e grande parte dos verbos. O critério para exclusão foi eliminar as palavras que não contribuem efetivamente para as respostas

⁸ Sobre as técnicas e a importância da realização de entrevistas, de maneira especial com comunidades que historicamente se organizam socialmente com base na tradição oral, consultar: MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. (2015); THOMPSON, P. (2002); SILVEIRA, E. da S. (2007); HAMPATÊ BÂ (1988); Vansina, (2010); BORBA, D. M.; MELO JÚNIOR, J. C. F. de. (2024); ALBERTI, (2013).

às questões apresentadas. Analisou-se a nuvem de palavras resultante para obter percepções sobre os discursos dos sacerdotes das comunidades tradicionais de matriz africana.

Ética em pesquisa

Anteriormente à realização das entrevistas, o projeto de pesquisa foi cadastrado na Plataforma Brasil, base nacional e unificada de registros de pesquisas envolvendo seres humanos. A solicitação foi analisada e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade da Região de Joinville, sob o processo n.º 4.597.263. Todos os entrevistados receberam o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o termo de anuência e o termo de cessão de imagem e voz, documentos que foram devidamente assinados.

Resultados da discussão

O estudo aponta a relação das comunidades tradicionais de matriz africana com a imaterialidade da floresta por tratar da essência das divindades por elas cultuadas. Essas comunidades possuem uma cosmovisão que valoriza a interconexão entre os seres humanos e o ambiente natural, do qual as florestas são parte integrante, além de ser a essência do *Òrisà Òsányìn*. Essa afirmação adquire força nas palavras da *iyálòriṣà* Evelise de Oyá, ao dizer: “Temos uma partícula de cada *Òrisà* em nossos corpos, temos água, ferro, cobre. Os *Òrisà* são os elementos da natureza. [...] Oyá é o vento que respiramos. [...] *Òrisà* é manifestação da natureza” (NASCIMENTO, 2021).

Ao observar a Figura 2A, percebe-se que as palavras em maior destaque – natureza, Candomblé, meio ambiente e *Òrisà* – indicam que a floresta desempenha papel fundamental na mitologia, nos cultos e rituais de matriz africana, nos quais *Òsányìn* tem destaque: “Temos *Òsányìn*, que necessita das florestas, de onde é extraída a medicina, não somente material, mas também espiritual para as nossas vidas” (POLUCENO, 2021).

Para os seguidores das tradições de matriz africana, a floresta consiste no território de domínio sagrado dessa divindade, considerada uma fonte de conhecimento das plantas em suas especificidades alimentares, medicinais e ritualísticas. A floresta é fundamental para *Òsányìn*, porque está intrinsecamente ligada à sua natureza, como *Òrisà*-planta, para o qual o território florestal é fonte de

conhecimento e poder. Nesse sentido, o sentimento de pertencimento e integração é observado nas palavras de *Bàbá Dick de Sangó*:

O nosso culto é reverenciado diretamente à natureza, a essas deidades, essas divindades oriundas da natureza. [...] A partir do momento que você louva uma coisa como sagrada, você não pode danificar o seu sagrado. Você não pode estragar aquilo que você cultua, porque senão a tua fé está indo pelo caminho totalmente errado (NADER, 2021).

Ainda nessa perspectiva, a fala de *Bàbá Guaraci* pondera acerca da indissociabilidade entre as divindades de matriz africana e a natureza:

Os *Òrisà* estão divididos em grupos dos quatro elementos da natureza: água, ar, terra e fogo. Eu aprendi que eu não posso achar que a minha *Yemoja* existe só dentro daquele *igbá* onde está o meu *òkúta*. Ela é água. Os *Òrisà* estão livres na natureza, na floresta, livres. Para todos os rituais, preciso de folhas. Eu canto folha, para cultuar os *Òrisà* eu preciso de folhas. A floresta é hábitat de *Òrisà*, a natureza é imprescindível para a permanência da minha prática de fé. Se não preservar a natureza, afeta diretamente o *Òrisà Ósányin*. É preciso ter consciência, compreender a teologia. Quem conhece, preserva. O *Olúbàjé* é servido na folha de mamona, tudo entregue na mão, comida com a mão, tudo com a mão e acabou. A floresta é o espaço sagrado, é para transformar tudo numa coisa melhor. Isso se chama *àse*. *Ósányin* dentro do Candomblé é o *Kòsí Ewé Kòsí Òrisà*, e ele não é a folha, a interpretação hermenêutica, teológica, é o meio ambiente. Não é possível conseguir uma folha se não tem um meio ambiente saudável (GUARACI, 2021).

Figura 2 – Nuvem de palavras sinalizadoras da relação interdependente entre comunidade e floresta extraída das entrevistas realizadas com as comunidades de matriz africana em Santa Catarina. (A) Na sua opinião, a floresta é um patrimônio ambiental e cultural? Por quê? (B) Nas oferendas realizadas nas florestas são usados que tipos de material (vidro, metal, barro, tecidos, bambu, madeira)? (C) Qual é a contribuição das comunidades tradicionais de matriz para a proteção da floresta?



Figura 2a



Figura 2b



Figura 2c

Fonte: os autores (2024)

Para essas comunidades, é fundamental a sua contribuição para a proteção do patrimônio florestal, tanto no que se refere à vertente material como à imaterial, como indica a Figura 2C, que destaca as palavras: Floresta, Natureza, Somos patrimônio e Sim. Essas comunidades contam com o conhecimento tradicional sobre a biodiversidade local e com práticas sustentáveis de uso dos recursos naturais, incluindo a coleta de frutas, ervas e outros produtos florestais. As comunidades tradicionais de matriz africana respeitam a floresta como patrimônio cultural e natural por se tratar de um santuário de onde se emanam vida e àse, pois “sem folha, não somos. Não somos nada sem as árvores. A árvore é o próprio *Òrisà*. A floresta é o próprio *Òrisà*. Não somos nada sem a floresta, sem o meio ambiente, a Terra é viva. Nós não vivemos sem a floresta. Então, ela é patrimônio material e imaterial” (FURLANETO, 2021).

Esse conhecimento é transmitido de geração em geração e é valioso para a gestão sustentável dos recursos florestais. Essa transmissão oral de conhecimento reforça a importância da palavra, que simbolicamente assume o sentido de força, emoção, histórias ancestrais e àse (SANTOS, 2021).

Os conhecimentos transmitidos ancestralmente podem ser percebidos na Figura 2B, que diz sobre os suportes utilizados para a entrega de oferendas ao meio ambiente, destacando a utilização de folhas ou outras coisas encontradas na própria natureza, para não degradar o hábitat dos *Òrisà*. Segundo pai Diego, de Laguna, o único sacerdote vinculado unicamente ao Batuque, “todas as oferendas são feitas com materiais que não prejudiquem o meio ambiente” (CARVALHO, 2022). Isso é reforçado por *Bàbá* Marcelo, ao afirmar: “Vidro, metal, plástico, para mim, para os meus filhos, é expressamente proibido. Acho que deveria ser para todos, para todos que estão na religião de matriz africana” (TITÃO, 2021); e *Ìyá* Jussara, que declara gostar da “folha de mamona, assim ajeitadinha. Para nós, já tem um formatinho certo para colocar a oferenda” (SILVA, 2022).

Para essas comunidades, as florestas são consideradas sagradas e parte integrante de suas práticas espirituais/religiosas. Essas crenças podem atuar como um mecanismo de proteção, pois impõem restrições ao uso indiscriminado dos recursos naturais e promovem a sua conservação. Ressalta-se que essa promoção de conservação não se dá apenas pelas motivações da sociedade global, mas principalmente porque,

os *Órisà* são manifestações da natureza, da floresta em si, eles estão onde tem água, tem floresta, está tudo interligado. [...] Os *Órisà* são os próprios elementos da natureza. A gente os cultua nesses ambientes. Então, se a gente não preservar esses elementos da natureza, a gente não preserva os *Órisà* (TITÃO, 2021).

As afirmações apresentadas pelos *Bàbálóriṣà/iyálóriṣà*, segundo a abordagem de Moscovici⁹, enfatizam que as representações sociais são construídas socialmente e estão influenciadas pelo contexto cultural, histórico e social no qual essas comunidades estão inseridas.

Em busca da proteção e conservação das florestas, muitas comunidades tradicionais de matriz africana desenvolvem práticas de manejo em seus territórios, dependendo da extensão, ou em áreas onde realizam seus rituais e/ou coletas de plantas. Em Santa Catarina, não há comunidades tradicionais de matriz africana que desenvolvam e/ou apliquem práticas de manejo sustentável, como, por exemplo, rotação de culturas, coleta seletiva de recursos e proteção de áreas sagradas que servem como reservas naturais.

O *Ilé Asé T'Ojú Labá*, dirigido por mãe Dora de Oyá, no Distrito Federal, desde 2016 desenvolve atividades em conjunto com as unidades Cerrados (Planaltina-DF) e Recursos Genéticos e Biotecnologia¹⁰. Nessa parceria, a comunidade desenvolve, em conjunto com a Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, um projeto de segurança alimentar e nutricional baseado em agroecologia e conservação dos recursos naturais. O projeto está alinhado às deliberações do I Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais de Matriz Africana (BRASIL, 2007). O primeiro ano da parceria foi 2016, e no ano seguinte já se colheram os primeiros resultados, apresentando a convivência harmônica entre árvores frutíferas e hortaliças, frequentemente adubadas pela cobertura de folhas, madeira, pós de rocha e composto orgânico (EMBRAPA, S/D). É ainda objetivo do projeto a formação de uma rede entre os *ilé àse* visando à troca de conhecimentos sobre a temática, bem como a troca de produtos produzidos no sistema de agroecologia.

⁹ Sobre detalhes relativos às representações sociais consultar Moscovici (2003).

¹⁰ Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), "Projeto alinha atividades ligadas à biodiversidade em comunidades de matriz africana", Embrapa, <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/20387361/projeto-alinha-atividades-ligadas-a-biodiversidade-em-comunidades-de-matriz-africana>.

As comunidades que têm acesso a áreas florestadas e/ou são proprietárias delas têm sistemas de monitoramento comunitário, ou seja, os membros locais estão ativamente envolvidos na vigilância e proteção das florestas. Eles conhecem bem as áreas e podem detectar práticas ilegais de desmatamento, depredação ou exploração predatória, como é o caso de *Bàbá Ju*, de Blumenau:

Não aceito ninguém jogar lixo na porta da minha casa, não vou aceitar ninguém jogar lixo na casa de Òrisà. [...] Eu falo muito com meus filhos de santo, que temos que mostrar o que é ser candomblecista não é só dentro do terreiro, a gente fala de tudo que não é a favor da natureza (SHINAIDER, 2021).

Essas comunidades tradicionais são defensoras da proteção florestal ao resistir a pressões externas, como a exploração comercial predatória, a expansão agrícola descontrolada ou a extração ilegal de madeira, o crescimento populacional e das cidades e o crescimento industrial.

A manutenção de suas tradições e modo de vida está ligada à conservação da natureza, pois:

Òrisà é a própria floresta, é a própria natureza. Tudo faz parte de *Olorum*, todos somos divinos, os animais, as plantas, as árvores, o ar que respiramos, a luz do sol, tudo é divino. A própria folha é uma divindade, o ar que você respira uma divindade, nós bebemos *Osun*, que é a própria água doce. Nós respiramos e bebemos nossas divindades (FURLANETO, 2021).

Essa compreensão dos Òrisà como a própria natureza foi repassada pelos ancestrais africanos, porque naquele continente, em diferentes regiões, existia o culto às árvores, que representavam a terra e a floresta formando uma única, grande e forte divindade. Essa divindade recebia oferendas, realizadas pelo líder da aldeia, na época de semear, como forma de agradecimento e para pedir uma farta colheita (FRAZER, 1952).

As relações das comunidades tradicionais de matriz africana com a floresta, na maioria das entrevistas, citam os *itàn*¹¹ e suas tradições orais. A constituição social da memória como experiência da vida contemporânea dessas comunidades está sempre entremeada com os *itàn*, destacando-se a sua essencialidade no que se refere à manutenção e ao fortalecimento de suas identidades diante de suas lutas cotidianas (THOMPSON, 2002).

¹¹ *Itàn* pode ser interpretado como histórias, mitos e/ou biografias. Para as comunidades tradicionais de matriz africana, essa prática é utilizada para falar sobre o homem, seus feitos heroicos (ou não), os lugares por onde esteve/viveu, mas também para expressar suas relações com o sagrado e o divino. Conforme descreve Beniste (2014).

A conformação familiar transgeracional, característica das comunidades tradicionais de matriz africana, não é marcada pela busca desenfreada pela verdade, nos moldes da cultura ocidental, mas pela experiência sobre os seus rituais, movimento que pode ser interpretado como potência da memória e das construções coletivas, que apresentam aspectos objetivos e subjetivos, tanto na guarda dessa memória como na transmissão dos conhecimentos nela contidos.

É importante salientar que a proteção do patrimônio florestal requer o reconhecimento dos direitos das comunidades tradicionais e o respeito a sua autonomia e modo de vida. O envolvimento e o empoderamento dessas comunidades são essenciais para a preservação da biodiversidade e promoção da sustentabilidade ambiental. Sendo assim, “não se pode perder a consciência ambiental, a verdadeira energia e essência dos *Òrisà*, porque os *Òrisà* não são da natureza, eles são a própria natureza” (TITÃO, 2021).

A floresta é entendida, pelas comunidades tradicionais de matriz africana de Santa Catarina, como patrimônio cultural e natural: “É algo que nos pertence. É mais do que um tombamento” (POLUCENO, 2021), “e ainda [...] é o hábitat dos nossos *Òrisà*” (NASCIMENTO, 2021). “Nós cultuamos a natureza, nós precisamos dela” (SILVA, 2021). “A floresta é um bem universal, o maior de todos, não existe dono certo. Eu acredito na ancestralidade” (SHINAIDER, 2021). Essas comunidades mantêm forte conexão espiritual e cultural com a natureza e enxergam a floresta como um local sagrado, onde realizam suas práticas religiosas, rituais e cerimônias. Além disso, a floresta também desempenha papel essencial na manutenção dessas comunidades, fornecendo recursos naturais como plantas ritualísticas e medicinais, alimentos, madeira para construção e matéria-prima para artesanato. Todavia, é importante ressaltar que essas comunidades enfrentam desafios em relação à preservação da floresta, por causa da degradação provocada por exploração ilegal de madeira, desmatamento, monoculturas, entre outros.

Cientes desses fatores de degradação ambiental, as comunidades catarinenses desenvolvem ações de conscientização ambiental e incentivam seus integrantes implementando práticas sustentáveis que garantam a proteção da floresta e a preservação dos seus saberes e de suas tradições. Afinal, a floresta é um patrimônio cultural e natural para essas comunidades, como afirma *Ìyá* Rosângela: “Eu acho que isso não precisaria nem de lei, acho que isso deveria ser naturalmente, é

nosso, de todos, mas, como tudo precisa de uma lei, acho que deveria ter sim uma que determine que a floresta é patrimônio cultural e natural de todos” (VEIRA, 2021).

Para essas comunidades, *Òsányìn* é uma divindade, considerado o *Òrisà*-planta, entendido como o grande conhecedor das propriedades curativas das plantas. É um *Òrisà* que desempenha papel fundamental, pois é por meio dele que se obtém o conhecimento das plantas, de suas propriedades medicinais e de seus usos rituais. Ele é considerado o guardião e provedor das ervas sagradas usadas em todos os rituais religiosos, além de ser o responsável por transmitir o conhecimento sobre as plantas e suas aplicações terapêuticas. Segundo *Bàbá* Rodrigo:

Nossa crença ela é totalmente baseada na natureza, que são os nossos próprios *Òrisà*. Preservar a natureza não é somente o aspecto religioso, mas em todos os aspectos, principalmente porque as árvores para nós estão totalmente ligadas aos *Òrisà*. Eu poderia usar de exemplo de *Íròkò*, que representa os nossos ancestrais; a jaqueira, que na nossa cultura damos o nome de *Apáòkà*, onde moram *Ìyàmi*; o pé de dendê, onde está *Òṣòṣì*. Então, todas as árvores e florestas elas têm ligação direta com algum *Òrisà*. Eu creio que o *Òrisà* é natureza, tudo é natureza. Eu creio que o mar seja *Yemoja*, a cachoeira seja *Osun*. Uma vez que isso seja extinto, nós estamos perdendo nossos *Òrisà*. Se não preservarmos a natureza, nosso culto vai deixar de existir, porque não teremos mais a sua energia no nosso meio, ou vamos cultuar uma imagem de barro, fotografia de algo que aqui não há mais vestígios? (POLUCENO, 2021).

Pela floresta, de *Òsányìn*, as comunidades tradicionais de matriz africana têm acesso ao conhecimento das plantas para os usos de cura física, emocional e espiritual. Além disso, *Òsányìn* é interpretado e cultuado como um protetor das florestas, sendo a sua figura reverenciada como símbolo da conexão dos seres humanos com o mundo natural. Portanto, a sua importância vai além do aspecto religioso, envolvendo também conhecimentos sobre plantas medicinais, preservação da natureza e sustentabilidade, fortalecendo a identidade cultural dessas comunidades, pois “a floresta é um berço de conhecimento, é como se fosse um berçário, onde vai se criar várias coisas, de onde vêm as folhas, de onde vem o conhecimento, onde habitam vários *Òrisà*. *Òṣòṣì* está lá, *Òsányìn* está lá. É muito importante, e por isso preservamos” (GEHLEN, 2019).

A relação de *Òsányìn* com a floresta é profunda. *Òsányìn* é considerado o protetor dos segredos das plantas e o guardião do conhecimento ancestral a respeito de suas propriedades. É o intermediário entre os seres humanos e as plantas, revelando os segredos e poderes de cura contidos nas ervas. Além disso, é cultuado por muitas comunidades tradicionais de matriz africana em rituais realizados

especificamente nas matas e florestas, incluindo peregrinações para colheitas de plantas e banhos rituais em meio à natureza, em busca de conexão espiritual e da sabedoria das plantas. Portanto, *Òsányin* está intrinsecamente ligado à floresta, entendido como um elemento vital para a preservação da natureza e o cuidado com suas plantas. Ele representa o equilíbrio e a harmonia entre os seres humanos e o mundo natural, ensinando sobre a importância da preservação e do respeito à natureza. Segundo *Ìyá Evelise*, “é preciso entender a natureza, observar a área da farmacologia, sair da indústria farmacêutica, voltar para as coisas naturais, porque a gente perdeu essa magia, a sabedoria das plantas” (NASCIMENTO, 2021).

Considerando que as comunidades tradicionais de matriz africana têm sua base de proteção e transmissão de conhecimento na tradição oral, a proteção das florestas no interior das comunidades é feita de várias maneiras visando que nada se perca.

A tradição oral permite que as comunidades compartilhem informações, conhecimentos e práticas relacionados à importância das florestas, da sua conservação, do uso sustentável dos recursos naturais e de técnicas de manejo ambiental. Essa transmissão oral ajuda a preservar e difundir o conhecimento ancestral sobre os ecossistemas florestais, promovendo a conscientização e a adoção de práticas ambientalmente amigáveis, em que todo sistema é entendido conforme a visão ecocêntrica¹², ou seja, o meio ambiente é patrimônio da humanidade e a natureza existe em si mesma sem dependência da interferência, a menos que para protegê-la (DUARTE, 2023). Trata-se da proteção da natureza do ponto de vista da espiritualidade; esta não deve ser tratada como um objeto útil em benefício do homem.

Hampatê Bâ destaca que a tradição oral não deve ser compreendida como uma mera recordação, mas como uma ação na qual o narrador – nesta pesquisa os sacerdotes/sacerdotisas – junta o passado e o presente de forma a envolver quem o ouve, o que confere autenticidade à informação (Hampatê Bâ). A tradição oral deve ser compreendida como manutenção, assentamento e organização social articulando homem e natureza. Nesse sentido, pensar as comunidades tradicionais de matriz africana consiste em pensar no vínculo de coletivos nos quais a escrita não é o meio

¹² A visão ecocêntrica reconhece que o homem é apenas parte de um todo maior e que, portanto, deve agir com responsabilidade e respeito pela natureza, visando ao bem-estar coletivo e à preservação do planeta para as futuras gerações. Conforme: DUARTE, A. J. O.; PEREIRA, H. de O. S. (2023).

de comunicação nem o registro preferencial, e o homem é interpretado pelas palavras que profere, comprometendo-se com elas. Esse comprometimento com a palavra é o que faz essas comunidades se importarem menos com os registros escritos, porque, além de transmitirem conhecimento, transmitem àse.

A tradição oral é uma maneira essencial de preservar a cultura, a história e a identidade das comunidades tradicionais de matriz africana. Essas comunidades transmitem seus conhecimentos pela oralidade, que é também um modo de manter viva a conexão entre essas comunidades e a natureza, reforçando suas crenças espirituais, práticas religiosas e rituais relacionados à proteção das florestas e da sua própria existência. Por meio dos *itàn*, *oríki*¹³, *orin*¹⁴, *adura*¹⁵, *ofós*¹⁶ e outros elementos da tradição oral, as comunidades reafirmam seu vínculo com a floresta e a necessidade de sua conservação. As narrativas orais de comunidades tradicionais de matriz africana se aproximam dos griôs africanos, termo de origem francesa empregado para designar os *Djeli*, em Bambara, na África Ocidental (Hampatê Bâ). Esses griôs em território africano têm como função narrar oralmente os fatos do cotidiano dos líderes de suas comunidades.

A realidade dessa transmissão de conhecimento está nas palavras de *Bàbá* Marcelo:

Minha avó falava que na época da iniciação dela, na década de 1960, ela ouviu das pessoas que eram da década de 1940 sobre o uso de tecido, vidro, vela, que isso não era correto. Tanto que minha avó nunca levou uma vela para acender na cachoeira, ela era contra isso. Ela perguntava: qual é o sentido de acender uma vela? E ela mesma respondia: exaltar o poder do fogo e iluminar o local. Então, é só você ir ao local de manhã, que o dia está claro, e você não vai precisar acender a vela. Então, olha a consciência dela, e é uma realidade. Por que eu vou acender uma vela no lugar que já está claro? Você coloca vela no lugar que está escuro, você coloca vela para te livrar da escuridão, você ilumina, você canta, você reza, você louva aquela luz. Antes era lamparina, lampião, hoje é a luz elétrica. Você pode achar que a luz elétrica não é adequada para o culto de matriz africana. Então, você acende as velas nos quartos de *Òrișà*, mas vela não é uma devoção africana, é uma devoção católica. O que ilumina para nós, de matriz africana, é a

¹³ Forma recitada de saudação, que expressa nomes gloriosos e louvações especiais aos *Òrișà*, exaltando seus poderes e recordam fatos e conquistas realizadas pelo ancestral divinizado. Conforme estudos de Verger (1999).

¹⁴ Cântico/cantiga profana e/ou sagrada. No caso das comunidades tradicionais de matriz africana, com ênfase para as de origem *yorùbá*, trata-se do conjunto de louvores que compõem o *șiré* (festa) de um ou de vários *Òrișà*. Conforme aponta Oliveira (2012).

¹⁵ São as rezas cantadas aos *Òrișà*, normalmente entoadas de forma cadenciada, com foco nos pedidos de misericórdia, agradecimento, súplicas e enaltecimento dos atributos dos *Òrișà*. Conforme apresentado por Beniste (2014).

¹⁶ Termo *yorùbá* que, em livre tradução, significa encantamento, magia. Segundo as crenças *yorùbá*, para que o *ofô* tenha o efeito desejado, não é suficiente saber a palavra; é necessário que a pessoa esteja preparada e tenha o dom para usá-la. Conforme descrito por Oliveira (2012).

lâmpada de algodão embebido no dendê, que não vai causar impacto nenhum. Acendeu, louvou, resolveu, apaga. Não vai causar impacto (TITÃO, 2021).

Considerações finais

A dimensão patrimonial da floresta refere-se à riqueza cultural, histórica e ecológica que a floresta carrega e que é passada de geração em geração como um legado valioso. Essa dimensão destaca a importância da floresta como um patrimônio compartilhado e coletivo que transcende as fronteiras de uma única comunidade ou nação.

Comunidades tradicionais de matriz africana confirmam a floresta como um patrimônio material e imaterial de grande importância. Essa percepção é profundamente enraizada em suas culturas e tradições e reflete uma compreensão holística da floresta que abrange os aspectos material e imaterial. Essas comunidades estão registradas na floresta, considerando suas celebrações, herdadas cultural e espiritualmente de seus ancestrais. A floresta desempenha papel fundamental na cosmologia e realização de rituais dessas comunidades. Muitas divindades e ancestrais são associados à floresta, e rituais religiosos ocorrem frequentemente em seu interior. Isso faz da floresta parte essencial do patrimônio espiritual, natural e cultural dessas comunidades.

A tradição oral das comunidades tradicionais de matriz africana é relevante na sensibilização e mobilização em relação à proteção e ao reconhecimento das florestas como patrimônio cultural e natural. As histórias transmitidas oralmente sobre a destruição ambiental, as consequências negativas da exploração predatória ambiental e a importância da preservação do patrimônio florestal ajudam a conscientizar as pessoas sobre a necessidade de cuidar das florestas. Essas narrativas podem inspirar a sociedade, de forma geral, a agir coletivamente, adotando práticas de conservação e defendendo seus territórios contra a exploração predatória. Além disso, fortalecem a autogestão comunitária e a governança local, permitindo que as comunidades participem ativamente da gestão, proteção e conservação das florestas. Pelas narrativas orais, as comunidades compartilham suas experiências, conhecimentos, estratégias e desafios pertinentes à preservação das florestas, reforçando sua identidade coletiva e sua capacidade de tomar decisões coletivas no que tange ao uso da Terra e dos recursos naturais.

Esse conhecimento ancestral reconhece a importância da proteção ambiental de maneira a garantir a permanência de sua prática de fé, que é o culto aos Òrisà, confirmando o provérbio repetido incansavelmente por todas as lideranças dessas comunidades: *Kò sí Ewé Kòsí Òrisà* (sem folha, não há Òrisà).

A dimensão imaterial da floresta para as comunidades tradicionais de matriz africana está intrinsecamente ligada às suas crenças espirituais, tradições culturais e formas de vida. A floresta desempenha papel significativo na dimensão imaterial dessas comunidades. Para essas comunidades, a floresta é vista como um território sagrado, onde suas tradições são praticadas e os Òrisà reverenciados. É o território em que são realizados rituais e cerimônias como modo de estabelecer conexões com o mundo espiritual.

Referências bibliográficas

AGUIAR, A. C. As limitações da aplicação da interdependência complexa no regime internacional de mudança climática (RIMC). *Revista Conjuntura Global*, v. 9, n. 2, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.5380/cg.v9i2.74633>.

ALBERTI, V. *História Oral e a experiência do CPDOC*. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

ALBERTI, V. *Manual de História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. 5. ed. Lisboa: Edições 70, 2011.

BARROS, J. F. P. de. *Ewe òrisà: uso litúrgico e terapêutico dos vegetais nas casas de Candomblé jêje-nagô*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2023.

BENISTE, J. *Dicionário yorubá/português*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

BORBA, D. M.; MELO JÚNIOR, J. C. F. de. A dimensão sagrada do patrimônio florestal em comunidades de matriz africana em Joinville/Santa Catarina/Brasil: a sacralidade da floresta. *Revista Ciências Humanas*, v. 15, n. 1, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.32813/2179-1120.2022.v15.n1.a807>.

BRASIL. Decreto n.º 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 8 fev. 2007.

CALGARO, C.; SOUZA, A. E. T. de; SPAREMBERGER, R. F. L. O povo do ashè: a importância das religiões de matriz africana para preservação da biodiversidade ecológica, cultural e socioambiental. *Revista Paradigma*, v. 30, n. 2, p. 224-245, 2018.

CARVALHO, D. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 26 mar. 2022.

DUARTE, A. J. O.; PEREIRA, H. de O. S. Educação ambiental quadridimensional: por uma ecologia (mais) humana. *Revbea*, v. 18, n. 5, p. 415-430, 2023.

EMPRESA BRASILEIRA DE PESQUISA AGROPECUÁRIA (EMBRAPA). Projeto

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

alinha atividades ligadas à biodiversidade em comunidades de matriz africana. *Embrapa*. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-noticias/-/noticia/20387361/projeto-alinha-atividades-ligadas-a-biodiversidade-em-comunidades-de-matriz-africana>.

FAGUNDES, G. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 14 out. 2021.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. Literatura e oralidade africanas: mediações. *Revista Mulemba*, v. 14, n. 2, p. 12-23, 2016.

FRAZER, James. Le culte des arbres. In: GORCE, Maxime. *Histoire générale des religions: folklore et religion, magie et religion*. Paris: Librairie Aristide Quillet, 1952, p. 117-128.

FURLANETO, Thailine. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 26 abr. 2021.

GEHLEN, Patrícia. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 24 maio 2019.

HAMPATÊ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: ISKANDER, Z. (org.). *História geral da África*, v. 1. São Paulo: Ática; Unesco, 1980, p. 181-218.

LEITE, Ilka Boaventura (Coord.). *Territórios do axé: religiões de matriz africana em Florianópolis e municípios vizinhos*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2017.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2015.

MOSCOVICI, Serge. O fenômeno das representações sociais. In: MOSCOVICI, Serge (org.). *Representações sociais: investigações em psicologia social*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 29-109.

NADER, Dick. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 16 maio 2021.

NASCIMENTO, Evelise Martins do. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 25 abr. 2021.

OLIVEIRA, Altair B. *Cantando para os orixás*. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.

POLUCENO, Rodrigo da Silva. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 8 maio 2021.

RUFINO, Luiz Gustavo Bonatto. A memória como forma de preservação da história da educação: uma entrevista com duas professoras aposentadas. *Momento*, v. 20, p. 29-58, 2011.

SANTOS, Juana Elbein dos. *Os nagô e a Morte: Pàdè, àsèsè e o culto Égun na Bahia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCHINAIDER, Julcimar Rodrigo. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 8 maio 2021.

SHINAIDER, Jocimar Rodrigo. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 8 maio 2021.

SILVA, Jussara Berenice da. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 2 jun. 2022.

Revista Memória em Rede, Pelotas, v.17, n.32, Jan/Jun 2025 – ISSN- 2177-4129
<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/Memoria>

SILVEIRA, Éder da Silva. História Oral e memória: pensando um perfil de historiador etnográfico. *Métis: História e Cultura*, v. 6, n. 12, p. 35-44, 2007.

SISTO, Celso. O conto popular africano: a oralidade que atravessa o tempo, atravessa o mundo, atravessa o homem. *Tabuleiro de Letras*, v. 3, n. 1, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.35499/tl.v3i1.131>.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a formação social negro-brasileira*. Petrópolis: Vozes, 1998.

THOMPSON, Paul. Tradição oral e contemporaneidade. *Revista História Oral*, v. 5, p. 9-28, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.51880/ho.v5i0.47>.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

TITÃO, Luis Marcelo. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 24 abr. 2021.

VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, J. (org.). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. 2. ed. Brasília: Unesco, 2010, p. 139-166.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Notas sobre o culto aos Orisás e Voduns: na Bahia de Todos os Santos, no Brasil e na Antiga Costa dos escravos na África*. São Paulo: EdUSP, 1999.

VERGER, Pierre Fatumbi. *O olhar viajante de Pierre Fatumbi Verger*. Salvador: Fundação Pierre Verger, 2002.

VIEIRA, Rosângela. Entrevista concedida a Denísia Martins Borba. Joinville, 13 set. 2021.

ZAGO, Nadir. A entrevista e seu processo de construção: reflexões com base na experiência prática de pesquisa. In: ZAGO, Nadir; VILELA, Marília Pinto de.; CARVALHO, Rita Amélia Teixeira (orgs.). *Itinerários de pesquisa: perspectivas qualitativas em sociologia de educação*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 287-309.